

Migrando por um ideal de amor: família conjugal, reprodução, trabalho e gênero

Maria Antonia Pedroso de Lima*
Paula Christofoletti Togni**

RESUMO:

O artigo propõe uma leitura sobre migrações, gênero e trabalho através de modelos e experiências de família e amor de mulheres brasileiras de classe média em Portugal, que têm um projeto pessoal e individualizado que não se vincula à existência de redes migratórias de suporte do tipo familiar ou comunitário. Falaremos de mulheres brasileiras que migram procurando um ideal de amor e projetam uma migração cujo objetivo principal é a formação de uma família ou o estabelecimento de uma relação conjugal no destino.

Palavras-chave: Migrações internacionais de brasileiras. Conjugalidade. Trabalho. Gênero. Portugal.

“Quero um amor, mesmo que seja para ser dona de casa”
(S, 29 anos)

A reflexão do presente artigo não tem como base narrativas de ficção e cinema produzidas na América Latina. Ao contrário, é através de uma tragédia grega, de Eurípedes, *Medeia*, onde é narrado o drama de uma mulher que deixou tudo para trás, sua pátria e família para seguir ao lado de um grande amor, que pretendemos retratar as experiências de mulheres imigrantes na contemporaneidade.

Num artigo recente da revista *Comunicação & Cultura*¹, Isabel Capeloa Gil evoca a figura central da tragédia grega para traçar uma genealogia possível do perfil do imigrante contemporâneo; nomeadamente do migrante no feminino². *Medeia* é uma estrangeira deslocada e excluída da plena condição de cidadania. Como sugere a autora, *Medeia* surge como que “personificando a absoluta diferença, o Outro exilado, trazido das margens geográficas para a centralidade cultural da *polis* grega” (2006, p. 13). *Medeia* é ainda o modelo do desenraizamento cultural que *Jasão*, marido oriundo do lugar de destino do seu fluxo migratório, corrobora e fixa; num dos diálogos entre *Medeia* e *Jasão*, o último reforça claramente os laços de desterritorialização construída através da diferença mas destinada à exclusão social e política:

Jasão: Recebeste mais do que deste para me salvar, como te vou demonstrar. Em primeiro lugar habitas as terras dos helenos, em vez da dos bárbaros, conheces a justiça e sabes usar das leis sem recorrer à força. Todos os gregos perceberam que eras sábia e tornaste-te famosa; se habitasses nos confins da terra, não se falaria de ti. Eurípedes, *Medeia* (CAPELOA GIL, 2006, p. 13)³.

Esta evocação da antiguidade clássica europeia que o teatro grego tão bem sintetiza, acreditamos assumir um caráter comparável aos processos migratórios e aos fluxos transnacionais da modernidade, nomeadamente no que concerne aos relacionamentos matrimoniais entre imigrantes e membros das comunidades de acolhimento. A nota forte que podemos sublinhar, corroborando uma vez mais o

argumento de Capeloa Gil (2006), é que nestes processos de mobilidade as tensões entre integração e exclusão, entre diferença e assimilação, tendem a enunciar-se sob um posicionamento específico e, digamos em última instância, etnocêntrico. A identidade cultural de Medeia, aos olhos e sobretudo no discurso de Jasão, é mediada pelo reconhecimento que a sociedade de acolhimento possa dela fazer, aferindo, enunciando e representando o seu perfil diaspórico enquanto metropolitano e civilizado *versus* o seu passado bárbaro e como que *fora da Humanidade*. A condição de mulher de Medeia (que acresce ainda, na Tragédia, surge também como feiticeira) nessa diferença cultural radical apenas será inteligível nos termos do *ethos* grego. Digamos então que de alguma maneira Medeia é um modelo literário e dramático da verdadeira *performance* de muitas mulheres que optam a emigrar e que contraem laços matrimoniais na diáspora.

A migração motivada por uma relação afetiva-sexual não é um fenômeno recente. Entretanto, dois aspectos em particular parecem ser relevantes: o aumento da mobilidade internacional e o intercâmbio cultural internacional. Piper and Roces (2002) e Constable (2005) têm realizado investigações que procuram revelar as formas como os padrões de casamento e conseqüentemente familiares têm se modificado com o aumento da mobilidade. Segundo Piller (2007) o aumento das viagens e das migrações internacionais pode ser considerado um importante fator que promove o crescimento das relações íntimas entre pessoas de países distintos, sendo a utilização de tecnologias como a *Internet* fundamental na ampliação da circulação virtual. As fronteiras tornaram-se permeáveis e a mobilidade contemporânea movimentada para além de pessoas, ideias e símbolos culturais que provocam uma grande transformação na vida social (APPADURAI, 2004, p. 78), como por exemplo, a ampliação do mercado matrimonial (ROCA, 2007).

De acordo com Sinke (2002, p. 86), quando os fluxos migratórios contemporâneos começaram a explicitar a presença de contingentes femininos – e não apenas para reagrupamento familiar – a migração por “trabalho” e por “amor” tornam-se uma evidência. Em alguns casos, a imigração feminina, para além das questões econômicas, permitiu ultrapassar modelos matrimoniais rígidos impostos no país de origem, nomeadamente casamentos em idades muito jovens ou no quadro do parentesco próximo; em alguns casos permitiu criar mercados matrimoniais mais amplos, em outros ainda ampliou modelos de conjugalidade e de desempenhos de gênero no casamento que fragilizam a condição da mulher estrangeira nesse cenário matrimonial. A este último propósito veja-se como as agências matrimoniais a partir da década de 1970, não apenas nos EUA, referiam perfis de mulheres que se enquadravam em modelos dominantes de gênero dos anos 50: donas de casa, maternais, fiéis e dóceis, etc. (SINKE, 2002).

No presente artigo nos propomos a falar sobre um cenário bastante específico - a imigração brasileira em Portugal – marcada pelo gênero, – aliás, grande parte da emigração contemporânea brasileira direcionada para Europa (PISCITELLI, 2008) – e por uma estrutura simbólica “borrada” por outras formas de diferenciação como raça, classe, construções naturalizadas de feminilidade e sexualidade.

Falaremos de mulheres brasileiras que “migram por amor”⁴, ou seja, que têm um projeto pessoal e especialmente individualizado que não se vincula à existência de redes migratórias de suporte do tipo familiar ou comunitário. São mulheres sozinhas que projetam uma migração cujo objetivo principal é a formação de uma família ou o estabelecimento de uma relação conjugal no destino⁵. Em relação a faixa etária, tinham entre 30 e 37 anos, eram solteiras e/ou divorciadas, sem filhos e com uma escolaridade mediana ou elevada (segundo grau completo, graduação e pós-graduação). Profissionalmente exerciam cargos como advogadas, técnicas em turismo, administrativas, jornalistas, pesquisadoras, etc. No que se refere aos homens, a idade média do cônjuge masculino português situava-se entre os 35 anos, o que revela uma homogenia etária e também educacional.

Esse fluxo poderá se configurar por uma migração de mulheres de classe média em Portugal, onde *a priori* prevalecem discursos sobre a importância da emancipação feminina e de relações mais igualitárias. No entanto, o argumento de Loyola (2000, p. 153), que questiona em que medida a ideologia individualista invocada pelas classes medianas não seria mais adaptativa que inovadora, e se não encobriria em si uma situação de escassez de homens maritalmente disponíveis para mulheres de estratos médios, pode proporcionar um olhar específico da atuação dos processos globais de modernização, que não se deram de forma análoga em todos os contextos, como também articular outras categorias de diferenciação como, por exemplo, geração e nacionalidade. Na verdade, a proposta de uma liberdade amorosa, centrada no indivíduo, não quebrou todas as cadeias de homogeneidade social, a busca pela igualdade de gênero não acabou com a “dominação masculina”, a separação entre família e produção econômica não fez da primeira apenas um lugar expressivo de manifestação de afeto. Esse argumento chamou-nos a atenção para as possíveis alterações dos discursos acerca da idade reprodutiva, do desejo de constituição de uma família conjugal, do mercado matrimonial, das práticas sexuais, que, no contexto migratório tornam-se particularidades e características de “homens portugueses”, e/ou de “mulheres brasileiras”.

Nesse sentido, ainda que os casamentos transnacionais (RAPOSO; TOGNI, 2009, p. 41) perpassem por complexos temas de reflexão como as concepções de gênero, amor, intimidade, emancipação feminina, estruturas da vida familiar e migrações; daremos ênfase sobretudo, na incorporação ou não dessas mulheres no mercado de trabalho português e na configuração das relações de gênero num contexto marcado por ideias ambíguas de feminilidade e masculinidade. No entanto, para realizar esse exercício analítico, torna-se imprescindível situar essas uniões conjugais no que se refere às relações de poder. Piscitelli, através do argumento sustentado por (PESSAR; MAHLER, 2001, p. 441) verifica que o gênero opera simultaneamente em escalas múltiplas, espaciais e sociais, através de territórios transnacionais, incidindo nas localizações sociais dos agentes. Essas localizações, dentro de hierarquias de poder, possibilitariam diversos tipos de “agência”, “entendida tanto em seus aspectos cognitivos, envolvendo imaginação, planejamento e traçado de estratégias, como ações concretas” (PISCITELLI, 2008).

Em Portugal, essas relações são desiguais: categorias de diferenciação social como gênero, nacionalidade e mobilidade (ser imigrante), parecem ser estruturais e determinantes na negociação dos papéis não somente entre os casais, como também nas relações sociais mais amplas (família do cônjuge, local de trabalho e instituições.) Pensar as vivências afetivas e sexuais de mulheres que migraram “por amor” nesse contexto de significação simbólica “da mulher brasileira” possibilitou-nos compreender a ambivalência das articulações de categorias e noções sobre feminilidade, masculinidade, amor, família e sexo.

Ser “mulher brasileira” em Portugal se constitui como um elemento simbólico que agrega valor às suas identidades frente a mulheres de outras nacionalidades, nomeadamente as portuguesas, que são vistas como “mais fechadas”, “mais difíceis de conquistar”, em contraposição à “alegria” e ao fato das brasileiras serem “mais soltas e pessoas mais disponíveis”. Entretanto, essas identificações se tornam ambíguas na medida em que, ao mesmo tempo que essas mulheres compartilham algumas construções simbólicas do signo mulher brasileira, rejeitam o estereótipo sexualizado e exotizado, ligando-os à prostituição e a mulheres de classes populares que vieram “fazer vida e causar má fama”, ao contrário delas, originadas de classes médias e que vieram “constituir família”. Mesmo assim, os relatos sobre as práticas e a vida sexual conjugal são remetidas à uma naturalização da “mulher brasileira” como mais sexualizada em contraponto às mulheres portuguesas. “Meu marido fala que eu sou quente”; “não acho as portuguesas bonitas, são frias”, ou ainda “a mulher brasileira gosta mais de sexo do que a mulher

portuguesa”, são discursos muito recorrentes. O contrário, entretanto não se verifica. No que se refere à construção da masculinidade relacionada à nacionalidade, há uma nítida separação entre sexo e afeto. Os homens brasileiros são associados ao sexo e à infidelidade, “aos que querem todas ao mesmo tempo”, e os portugueses ao afeto: são mais “carinhosos”, “companheiros”, “cuidadosos” e “gentis”.

O limite da idade reprodutiva da mulher e a pressão social de casar e ter filhos foi outro discurso bastante recorrente. Sueli era divorciada e não possuía filhos. Aos 36 anos, relata a dificuldade em ascender ao mercado matrimonial no Brasil e o desejo de ser mãe. Loyola (2000) argumenta que numa população majoritariamente composta por jovens, com uma grande taxa de separações, divórcios e, ao que tudo indica, também de homossexualismo, e em que os homens separados e divorciados tendem a contrair novas uniões em faixas etárias bem mais baixas que as suas (BERQUO apud GONÇAVES, 2007, p. 51), o mercado do casamento para as mulheres com mais de 30 anos sofreria alterações em relação a reprodução social, até aqui apoiada no modelo clássico da família conjugal.

[...] O homem pode ter aquele argumento que pode ter filho com quantos anos ele quiser e eu, a mulher não...então porque que eu vou casar logo com essa se eu tenho que realizar uma carreira, e isso e aquilo, depois arranjo uma de 20 que pode ter um filho né...então acho que essa geração cobra muito que você se realize para que depois você tenha uma pessoa ao seu lado é muito maior (P (f), 38 anos).

Para essas mulheres, mesmo para aquelas altamente escolarizadas e qualificadas profissionalmente, a “necessidade” de autorrealização centrada no indivíduo parece ainda estar muito ligada ao ideal da família conjugal. A sua autonomia é apresentada muitas vezes como conflitosa em relação ao mercado matrimonial no Brasil que parece não favorecer as relações entre “velhos homens” e “novas mulheres”.

Eu não sei em outros lugares, mas no Rio de Janeiro os relacionamentos são caóticos, você estar com alguém, ter compromisso, fidelidade de namoro isso é mesmo na minha geração, pq as pessoas “ficam”, ou seja, não namoram...tem pessoas que namoram, casam, mas essa ideia de fidelidade, de casamento, isso é uma coisa meio difícil de concretizar lá no Rio de Janeiro (V (f), 31 anos).

Gonçalves (2007), na sua tese sobre “vidas no singular”, investiga “as novas solteiras”, ou “mulheres só”, de camadas médias urbanas (Goiânia) e que não possuem filhos no Brasil. No entanto, compreender como se entrelaçam as noções associadas à ideia de mulher na contemporaneidade – vinculadas a uma maior autonomia e independência e seus paradoxos – requer revisitar algumas ideias do feminismo como um movimento político da “modernidade”, independente das suas distinções ou correntes filosóficas. O ideário feminista assente em uma “nova” mulher – independente, livre, autônoma, etc – e suas repercussões nos projetos pessoais dos casais, como também a ideia de igualdade nos estudos de população traduzidos em parâmetros como a “razão de sexo” e “equilíbrio do mercado matrimonial” tem sido recorrentes na temática da conjugalidade.

A problemática do mercado matrimonial aparece nas narrativas das mulheres assim como nos estudos demográficos no Brasil, onde se tem salientado o excedente de mulheres no mercado matrimonial, que disputam com as mais jovens a busca por um par. Essa perspectiva recai também na mídia brasileira e é centrada nas noções de união heterossexual e de “família”, nas quais ser, mas, sobretudo, permanecer solteira figura mais como uma ideia fora de lugar. De acordo com Greene e Rao (1992, p. 168 apud GONÇALVES, 2007, p. 33), “uma maior ou menor oferta de homens e mulheres no mercado de casamento leva a uma situação que chamamos de compreensão no mercado matrimonial:

a escassez de um sexo ou de outro na faixa etária em que geralmente acontecem os casamentos influi na constituição das uniões”. Entretanto, o aparente excedente de mulheres no Brasil não explica o fenômeno dos casamentos transnacionais na sua complexidade, sendo necessário também uma análise aprofundada do mercado matrimonial português. A própria assimetria regional encontrada na pesquisa de campo nos contextos como a Grande Lisboa e o Algarve, no que se refere aos perfis de casamentos transnacionais – idade, índices de recasamento, etc –, pode ser considerado um bom exemplo.

Dessa forma, o “português” representa, discursivamente, um homem que está mais disposto a casar e constituir uma família, o que, curiosamente é também parte das representações ambíguas sobre a mulher brasileira - uma propensão natural ao sexo, mas associada com a domesticidade e disponibilidade para a maternidade. Vejamos o relato de Sueli: “[...] eu acho que o Português ainda é muito família, ele assim, cresce, casa e tem a sua família... acho que os portugueses são mais disponíveis para casar porque se contenta mais fácil, o brasileiro, há uma série de cobranças no homem brasileiro, não sei...”

Eu tenho uma amiga que é brasileira e disse para ela, se vc quiser arrumar um namorado português vai para o Brasil e arranja na Internet, pq ela não consegue ter, ela já tem 30 e poucos anos e queria uma vida estável, queria ter filhos, queria casar, juntar, ou qualquer coisa e não consegue, é a mesma ideia do “ficante”. Ela fala “gente esses homens só querem ficar, e eu faço o que?” (C (f), 35 anos).

[...] eu acho que o Português ainda é muito família, ele assim, cresce, casa e tem a sua família... acho que os portugueses são mais disponíveis para casar porque se contenta mais fácil, o brasileiro, há uma série de cobranças no homem brasileiro, não sei... (S (f), 36 anos).

Poderíamos dizer que os dados etnográficos mostram que a construção social da diferença entre os gêneros não se dá de maneira homogênea, sendo as dinâmicas dos processos de gênero dos países de destino das migrantes relevantes na análise das migrações femininas (SASSEN, 2003, p. 18). No caso dos casamentos “interculturais”, a diferença se inscreve em hierarquias de alteridade que refletirão na relação conjugal, na definição de papéis de gênero e nas expectativas matrimoniais: a mulher, imigrante, estrangeira e o homem nacional. A perda da individualização da mulher foi uma regularidade que os dados empíricos revelaram, justificada muitas vezes por problemas jurídicos ou institucionais, (ausência de autorização para o trabalho), pela falta de relações interpessoais (o companheiro passa a ser o único vínculo afetivo), e pela dependência econômica (ocasionada pela dificuldade de inserção no mercado de trabalho).

A pesquisa de campo revela ainda estilos conjugais muito fusionais, em que a autonomia feminina é mínima e inclusive discursivamente minimizada pelas próprias mulheres. Qual o papel que o trabalho doméstico e extradoméstico assume nessas relações? Quais são as expectativas em relação aos papéis masculinos a serem desempenhados pelos “homens portugueses” e “mulheres brasileiras”?

O “amor” justifica tudo! Casamento versus autonomia

As narrativas do amor romântico⁶, que segundo Giddens idealizam a pessoa e funcionam como “um encontro de almas reparador” (1995, p. 31), prevalecendo sobre todas as dificuldades – sejam elas físicas, geográficas ou institucionais – são utilizadas de forma recorrente pelos entrevistados.

Nossa história começou como história de novela sabe... aí aconteceu o insólito: eu convidei ela para vir aqui passear aí ela chegou cá e foi deportada. Mas o que

aconteceu foi uma coisa tão forte que passou para o outro sabe... Paguei uma passagem para ela e ela entrou no fim do mês, mesmo mês que ela tinha sido deportada. Veio por Madrid, com outro passaporte. Só mudava o número... porque a lei aqui é uma e lá é outra né... E depois disso tudo eu não sei explicar, mas a gente ficou amarradão... (R (m), 36 anos, grifo nosso).

A relação afetiva, principalmente quando é a causa da imigração das mulheres, é frequentemente verbalizada: “Eu vim para cá porque acredito no amor e queria vivê-lo plenamente”; “Gosto daqui. Me adaptei, vim prá cá por causa do meu marido e aqui pretendo ficar até quando Deus quiser”.

A decisão de viver juntos em todos os casos reproduz o modelo de matrimônios transnacionais analisados por Roca (2007), onde se verifica que são as mulheres que se movem geograficamente, tornando-se dessa forma, imigrantes.

Eu, foi muito simples, foi por causa do Pedro mesmo...nós nos conhecemos numa viagem, ficamos entre idas e vindas e depois que eu me formei e ele também nós decidimos que valia pena apostar, viver juntos e combinamos que quem conseguisse primeiro emprego na sua área e no seu país o outro iria encontrá-lo. E ele assim que saiu da faculdade foi diretamente trabalhar e vim eu com a malinha. E foi isto (V (f), 31 anos).

Eu tinha um emprego muito bom, ganhava bem, e ele ia para lá com a condição de desempregado para morar numa região machista. Então a minha família e principalmente a dele fez tudo para que eu viesse e se depois de um tempo não arranjasse um emprego ou não gostasse daqui, a gente voltaria, ou se ele arranjasse alguma coisa lá, mas que não arriscasse... num país que não é o dele para começar uma vida a dois. *E como uma mulher se adapta muito melhor em estar longe...* (P (f), 36 anos, grifo nosso).

Nota-se que os modelos esperados no papel de homem/mulher são discorridos, desde a tomada de decisão do local de morada do casal (Brasil ou Portugal). A caracterização de regiões no Brasil onde os papéis esperados masculinos são mais rigorosos/tradicionais e a ideia de que a mulher se adapta melhor, estão presentes nesses discursos. Sueli utiliza de forma recorrente um discurso de distinção de classe para estabelecer uma diferença entre mulheres que tiveram uma motivação econômica para migrar.

A justificativa de deixar tudo por “amor” em muitos casos é acompanhada pela perda de individualização da mulher, que pode ser justificada não somente por problemas jurídicos ou institucionais como também pela falta de relações interpessoais (o companheiro passa a ser o único vínculo afectivo), bem como a dependência econômica. As mulheres passam a sentir-se inseguras, perdendo a autonomia, característica que marcava de alguma forma a sua identidade pré-matrimonial.

Tive o casamento desmarcado um dia antes porque o Luís disse que era melhor a gente não se casar porque eu e o M (filho do companheiro) não nos dávamos bem. Fiquei desesperada, *larguei tudo no Brasil por causa dele, por causa desse sonho. Tomei vários comprimidos para dormir, todos os que tinham lá...quase morri...ele me encontrou e me levou para o hospital para fazer uma lavagem estomacal.* Depois de um tempo, ele disse que me amava e que eu também precisava me legalizar, porque eu já estava procurando emprego no Brasil. Ele me disse isso a uma hora do casamento no cartório (S (f), 30 anos, grifo nosso).

Em relação à situação laboral, a maioria das mulheres não trabalham ou ocupam cargos não qualificados nas áreas de atuação mais recorrentes de inserção de mulheres imigrantes como garçonetes,

domésticas e vendedoras⁷. Apenas algumas têm o mesmo status laboral, mantendo a mesma profissão no Brasil e em Portugal. Um fator relevante é a não inserção das mulheres no mercado de trabalho português, limitando-se muitas vezes a atividades exclusivamente domésticas, em contraste com a vida profissional ativa que possuíam no Brasil. A diminuição do status laboral é uma questão muito focada pelas mulheres que demonstram insatisfação em relação à vida profissional.

A correlação entre a inserção laboral e o grau de autonomia da mulher torna-se assim necessária, uma vez que o trabalho parece ser para a mulher uma fonte de emponderamento, seja a nível familiar ou pessoal. Nota-se que em relação à maioria das mulheres entrevistadas a vida profissional é colocada em segundo plano, seja pela dificuldade de inserção no mercado (mobilidade laboral descendente) ou pela incorporação de papéis femininos tradicionais de esposa e mãe. Para as mulheres que tiveram como motivo de imigração a relação afetiva, a inexistência de vínculos afetivos e sociais em Portugal, somado ao fato de não possuírem um vida ativa profissional, tem gerado índices de dependência afetiva e econômica.

Eu sinto falta da minha independência no BR, primeiro você tá num país, é casada e tal mas tá 100% dependente do dinheiro do marido. E você sabe que são vários compromissos né...renda (aluguel) da casa, do estudo...e você que sempre trabalhou, eu não encaro legal assim....não é legal de jeito nenhum (S, (f), 34 anos).

A dificuldade de inserção no mercado de trabalho português que restringe a maioria das vagas para profissionais de até 35 anos, como também o não reconhecimento das habilitações profissionais do Brasil, tem como consequência uma inserção laboral (quando esta se verifica), em determinados segmentos do mercado – trabalhos pouco qualificados, precários, e com status pouco reconhecido. Padilla (2007) aponta para o fato de as mulheres migrantes trabalharem em empregos majoritariamente considerados femininos: limpezas domésticas e dos hotéis, ajudantes de lar de idosos e *baby sitter*, nas cozinhas, como garçonetes. Este tipo de empregabilidade não reconhece as qualificações das imigrantes e, mesmo que em muitos casos experimentem uma compensação monetária, nem sempre se verifica no trabalho uma função emancipadora. A dificuldade de inserção no mercado de trabalho e falta de amigos ao que tudo indica demonstra alguma dificuldade de integração:

Não tenho amigos, me sinto muito só, pareço invisível aos olhos das pessoas que me rodeiam, meu marido é maravilhoso, bom até demais, mas não sou feliz, mesmo ele tendo enumeras (sic.) qualidades... A família dele parece que não enxerga... sou mesmo uma transparência... e querendo ou não isso mexe muito no meu casamento (M, (f) 40 anos).

Não obstante, a constante referência à “gentileza” e ao “cuidado” do homem português pode revelar um reforço da autoridade masculina no contexto dos casamentos transnacionais, uma vez que em alguns momentos verificam-se decisões nada ou pouco autônomas das mulheres, como também ciúmes excessivos. Na realização de uma das entrevistas com Joana, que teve a duração de aproximadamente uma hora, Nuno (seu marido) ligou quatro vezes para saber onde a esposa se encontrava.

A maneira dele me tratar é totalmente diferente, sabe? Super carinhoso, super gentil e até hoje ele é. Num mudou, entendeu? E, tipo assim, que agora ele se sente mais seguro, então eu acho que já não incomoda muito...muito não. Às vezes eu noto que ainda tem um pouquinho de cisma, de ciúme, mas já não é

igual. Mas no começo ele tinha muito ciúme, ele chegava a ser possessivo. Talvez de medo, que eu trabalhava à noite nas mesas e muito medo (R, (f), 34 anos).

A maioria dos casais, atualmente, já possuem filhos. Sueli e Miguel, por exemplo, têm uma filha, Margarida, de 2 anos. Sueli nunca exerceu nenhuma atividade profissional remunerada em Portugal, tornando-se esposa e mãe. Diz considerar cada vez mais difícil trabalhar novamente porque está afastada do mercado de trabalho há 3 anos. Mas reforça que o fato de ter sido mãe, faz com que tudo se torne mais fácil, que “valeu a pena”.

Considerações finais

Ao longo da “modernidade”, ainda que se observe transformações na intimidade e na vida pessoal dos indivíduos, assente na ideia de que as novas formas de relacionamento têm como base a igualdade e os princípios democráticos (GIDDENS, 1995), o presente artigo pretendeu demonstrar através das experiências de algumas mulheres que migraram motivadas por uma relação afetiva, que: i) as transformações e mudanças na conceitualização e na experiência do amor, do casamento e da sexualidade não se concretizaram de maneira uniforme em todos os contextos; ii) as mulheres brasileiras migrantes com quem trabalhamos hesitam ou manipulam ambigualmente os modelos de relacionamento que Giddens define como “amor romântico” e “amor conflituante”. Denote-se porém que, embora o “amor romântico” suponha uma igualdade de envolvimento emocional entre duas pessoas, durante muito tempo as mulheres foram as mais afetadas pelos seus ideais. Os sonhos do “amor romântico” conduziram muitas mulheres a uma severa sujeição doméstica que curiosamente é agora dirigida às mulheres migrantes destes casamentos transnacionais. O *ethos* do “amor romântico” teve um impacto duplo sobre a situação das mulheres migrantes: por um lado, cerceando a sua condição de mulher moderna e autônoma que a condição de mobilidade transnacional exprimia e empurrando-as para o “lar”, a “família” e os “filhos”; e por outro, facilitando o caminho a ideologias machistas e consentindo práticas possessivas por parte dos seus maridos; iii) No contexto migratório abordado, Portugal, a dificuldade de inserção das mulheres migrantes no mercado de trabalho tem acentuado a dependência financeira e afetiva das mulheres em relação aos seus cônjuges. A etnicização do mercado de trabalho, a idade das mulheres considerada “avançada”, para ingressar no mercado de trabalho português e na maternidade, tornaram-se relevantes para essa análise.

Para fim, retomo a figura de Medeia na análise de Capaleoa Gil (2006). Seria interessante pensar nas experiências e nos discursos acerca do amor ideal e dos papéis de gênero, levando em consideração o tempo de permanência dessas mulheres, agora, esposas e mães, em Portugal. “Medeia: e agora, para onde hei de voltar-me? Para a casa paterna e para a minha pátria, que traí por amor a ti, vindo para este país? [...] Se me expulsarem ou eu fugir dessa terra, privada de amigos, sozinha, com os filhos, sozinhos, bela honra para o recém-casado, que vão errantes como mendigos, os teus filhos e eu” (apud CAPELOA, 2006, p. 13).

Migrating for an ideal of love: the conjugal family, reproduction, work and gender

ABSTRACT:

This article proposes a reading of migration, gender and work through the models and experiences of family and love of middle class Brazilian women in Portugal, whose personal and individual project is unrelated to support

migratory networks of the family or community types. The focus will be on Brazilian women who migrate seeking an ideal of love and who project the main migration objective of forming a family or establishing of a conjugal relationship at the destination point.

Keywords: International migration of Brazilian women. Conjugal relationship. Work. Gender. Portugal.

Notas explicativas

- * Professora no Departamento de Antropologia do ISCTE IUL, Lisboa. Presidente do Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA) e membro da Comissão para o Património Cultural Imaterial (IMC).
- ** Doutoranda em Antropologia no Instituto Universitário de Lisboa IUL/ ISCTE e investigadora associada do CRIA, Centro em Rede de Investigação em Antropologia, Lisboa.
- ¹ Cf. CAPELOA GIL, Isabel. “Introdução. A cor dos *media*: mediação, identidade e representação” In: *Comunicação & Cultura*, n. 1, p.13-18. 2006.
- ² Gostaríamos de agradecer ao antropólogo e amigo Paulo Jorge Pinto Raposo, orientador da tese de mestrado de uma das autoras (Paula Christofolletti Togni), pela cumplicidade na descoberta e posterior reflexão sobre a temática dos casamentos transnacionais, que são discutidas por nós nesse texto.
- ³ Eurípedes, *Medeia* (vv. 501-502; 511-515; 534-540).
- ⁴ Os dados e resultados apresentados têm como referência a pesquisa de natureza etnográfica intitulada “ Os fluxos matrimoniais transnacionais entre brasileiras e portuguesas: gênero e imigração”, realizada com 14 mulheres que migraram motivadas pela relação afetiva durante os anos de 2006 a 2009. A pesquisa completa está disponível em http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Estudos_OI/OI_38.pdf. “Migrações por amor” é um conceito de Roca (2007) que propõe uma “nova” tipologia de migração: as migrações por amor. O autor determina como “migrantes por amor” uma relação afetiva transnacional que se situa, por um lado, no marco de uma nova ordem mundial centrada nas novas tecnologias de informação e por outro, na transformação dos modelos e relações de gênero, bem como do próprio conceito de amor que se produz nesse contexto.
- ⁵ Roca (2007, p. 8), Togni (2009) encontram como procedimento habitual nos relacionamentos transnacionais a viagem do homem ao lugar de residência da mulher como primeiro passo da busca de uma esposa ou como confronto de contatos virtuais já estabelecidos à distância, sugerindo de maneira ilustrativa a ideia do homem como um “turista amoroso” e da mulher como “uma migrante por amor”. Diferente das mulheres que imigraram sozinhas, as “migrantes por amor” tem como padrão nos seus relacionamentos o uso da Internet como recurso fundamental na relação, onde os namoros virtuais variam de quatro meses a três anos, de acordo com os depoimentos recolhidos nas entrevistas realizadas. Além do recurso virtual, os casais se encontravam no Brasil ou em Portugal.
- ⁶ Segundo Giddens (1995), três tipos de amor percebidos na modernidade: o amor apaixonado, o amor romântico e o amor confluyente. O “amor apaixonado” é uma expressão de uma conexão entre o amor e a relação sexual, possui uma qualidade de encantamento e rompe com as rotinas da vida quotidiana e onde o envolvimento emocional com o parceiro é invasivo. Do ponto de vista da ordem e do dever social, ele é tido como perigoso. No “amor romântico”, o amor sublime predomina sobre o ardor sexual que entra em conflito com as regras da sedução, marcadamente masculinas. O princípio do amor romântico levava, segundo Giddens, as mulheres à subordinação do lar e o isolamento público. Marcado pela associação do amor com o casamento e com a maternidade, assim como também pela ideia de que o amor é para sempre, segue-se que o confinamento da sexualidade feminina ao casamento era símbolo da mulher respeitável. A emancipação e a autonomia sexual feminina romperam este modelo e através dessa fragilização o amor confluyente emerge. O “amor confluyente” é um amor activo que transforma a realização do prazer sexual recíproco num elemento decisivo para a manutenção ou dissolução do relacionamento – e isso reflecte-se no crescente índice de divórcios. Cultiva-se a capacidade de proporcionar e experimentar satisfação sexual para ambos os sexos. A exclusividade sexual existe durante o tempo que os parceiros a considerem desejável. A diferença do amor confluyente com o amor apaixonado está no facto de que o primeiro não possui a urgência apresentada pelo segundo.
- ⁷ Para uma análise mais aprofundada sobre mercado de trabalho e imigração em Portugal, ver: Baganha, Ferrão e Malheiros, 1999.

Referências

- CAPALEOA GIL, Isabel. A cor dos media: mediação, identidade e representação. *Revista Comunicação & Cultura*, n.1, p. 13-18, primavera-verão de 2006.
- CONSTABLE, Nicole (Org.). Cross border Marriages: Gender and Mobility. In: Transnational Asia, *Critique of Anthropology Journal*, n. 27, p. 341-342, 2007.
- GIDDENS, Anthony. *Transformações da Identidade*. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Celta, Oeiras, 1995. 150p.
- GONÇALVES, Eliane. Vidas no singular: noções sobre “mulheres sós” no Brasil contemporâneo. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Campinas, UNICAMP, 2007. 252 p.
- GREENE, Margaret e RAO, Vilayendra. A compressão do mercado matrimonial e o aumento das uniões consensuais no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 19, n.2, p.168-183. 1992.
- LOYOLA, Maria Andréa. A Antropologia da Sexualidade no Brasil. *PHYSIS Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 10, n.1, p. 143-167, 2000.
- MAHLER, S.; PESSAR, P. Gendered geographies of power: analyzing gender across transnacional spaces. *Identities*, v. 7, n. 4, p. 441-459, 2001.
- PADILLA, Beatriz. A imigração brasileira em Portugal: considerando o género em análise. In: MALHEIROS, J. (Org.), *A Imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: Colecção Comunidades, Observatório da Imigração. Lisboa, 2007, p. 113-134.
- PILLER, Ingrid. Cross-cultural communication in intimate relationships. In: KOTTHOFF, Helga and SPENCER-OATEY, (Ed.), *Intercultural Communication*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, p.341-359, 2007.
- PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, Categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Revista Sociedade e Cultura*, v.11, n. 2, p.263-274, jul/dez., 2008.
- _____. Looking for New Worlds: Brazilian Women as International Migrants. *Signs*, Chicago, v. 33, p. 784-793, 2008.
- PIPER, N.; ROCES, M. (Ed.), *Wife or Worker? Asian Women and Migration*, Maryland, USA, Rowman and Littleeld, 2003. 219p.
- ROCA, Jordi Girona (Coord.). Amor importado, migrantes por amor: la constitución de parejas entre españoles y mujeres de América latina y de Europa del Este en el marco de la transformación actual del sistema de género en España. *Proyectos de Investigación Científica y Desarrollo Tecnológico*. Ministerio de Igualdad, Instituto de la Mujer. Relatório de pesquisa, 2007, 386p.
- SASSEN, Saskia. *Contrageografias de la globalización*. Género y ciudadanía en los circuitos transfronterizos. Madrid: Traficantes de sueños, 2003. 153p.
- SINKE, Suzanne. Migration for Labor, Migration for Love: Marriage and Family Formation across Borders. *OAH Magazine of History*, v.14, n. 1, p. 17-21, 2002.
- TOGNI, Paula C; RAPOSO. *Os fluxos matrimoniais transnacionais entre brasileiras e portuguesas: género e imigração*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural. Coleção Observatório da Imigração, 2007. 193p.